

Uma parcela Kafkiana

JUNIA PAULA SARAIVA SILVA

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil.

Tive sonhos intranquilos...

Acho que acordei meio asqueroso, meio pesado, de oito partes, oito patas. Acho que acordei meio inseto, meio culpado.

Ouvi que a dona da pensão me chamava da cozinha; era um som longe como se fosse um eco, mas mesmo assim ouvi; deve ser mesmo meu ouvido humano transformando-se em pequenas reentrâncias de um ouvido “insectício”. Não sei porque, mas senti que seria acusado.

Eu certamente seria acusado, a senhora que me alugou este quarto sempre desconfiou de mim. O eco se tornou mais insistente na cozinha, agora parecia mais um zumbido. Acho que comecei a entender “insetês” porque sempre a achei meio lagartixa, muito branca, muito magra, muito asquerosa, como eu agora.

Com certeza me chamam para acusarem-me. Eu não sei o motivo, se bem que, passei as últimas noites e também os dias meio bêbado, ou melhor, totalmente bêbado. Eu mereço ser acusado. Abandonei minha noiva pela segunda vez na semana passada, e dessa vez ela não chorou. Eu a odiei por isso. Talvez por isso andei bêbado.

Eu a odiei, odiei muito, dormi com outra mulher qualquer e a odiei ainda mais. Eu serei acusado por isso.

Se não for por isso, serei acusado por outro motivo, mas certamente serei acusado. Posso ouvir os degraus da escada rangendo sobre o peso do salto da lagartixa, ou melhor, da boa mulher que me aluga o quarto; não quero ser acusado de mais uma coisa.

Essa não foi a primeira noiva que abandonei. Talvez elas tenham se reunido nesse dia para acusarem-me do meu crime, seja ele qual for. Elas não entendem, ninguém entende, meu pai não entende que serei um solteirão de meia-idade. Posso sentir que os passos aproximam-se, e que a boa senhora não vem sozinha até meu quarto. Sei que ela vai bater na porta, e poderia me adiantar, pentear o cabelo e vestir uma roupa decente, mas estou meio inseto e minha barriga pardacenta impede que me levante da cama.

A mão da senhora entendeu-se no ar para bater na porta, agora ela vai acusar-me. Talvez quem a acompanhe seja meu pai. Ontem lhe enviei uma carta, uma carta ao pai.

Escrevi a ele todos os desaforos que o papel quis ouvir. Eu também o odiei, o odiei muito e por muito tempo, então lhe escrevi uma carta que agora pode ser o motivo da minha acusação. Não se odeia a um pai.

Primeiro batida, leve e sem pretensão. Eu tentei levantar, mas minhas patinhas não me obedecem e ficam apenas mexendo e remexendo sem muita ordem. A segunda batida veio mais impaciente. A terceira, a quarta, e na quinta batida quase derrubaram a porta.

Ouvi sussurros, eu acho. Iriam acusar-me e meu coração ficou agitado. Eu não quero ser acusado, pensado bem. Não

tenho culpa de nada, não quero terminar como um cachorro!

Bateram insistentemente uma sexta, sétima, oitava vez!

Acordei...

A dona da pensão me chamava da cozinha.

Tive sonhos intranquilos. Neles, eu estava sendo acusado.

Recebido: 29 de maio de 2018

Aceito: 31 de agosto de 2018

JUNIA PAULA SARAIVA SILVA
Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da
PUC-MG como bolsista CAPES. Graduada em Psicologia pela
mesma instituição.

<juniamendes-barbosa@hotmail.com>